

SEXUALIDADE INFANTIL E PRÁTICAS REPRESSIVAS

CARMEN LÚCIA DE M. BARROSO
MARIA CRISTINA A. BRUSCHINI

Pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas.

EM COLABORAÇÃO COM

NAIR KUBOTA

Educadora de Saúde Pública do Instituto de Saúde – Secretaria da Saúde.

ZENAIDE LÁZARA LESSA

Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde – Secretaria da Saúde.

RESUMO

Esse artigo procura mostrar como os costumes e as idéias a respeito da sexualidade infantil variaram ao longo do tempo e nas diferentes sociedades. Argumenta que Freud, ao mesmo tempo que foi um inovador radical, não conseguiu fugir à influência da cultura repressiva da qual fazia parte, implicitamente justificando muitas de suas práticas. Apresenta dados coletados recentemente em São Paulo sobre práticas repressivas em famílias de baixa renda. Conclui que qualquer esforço teórico de compreensão das raízes da repressão da sexualidade infantil deve considerá-la também naquilo que representa de potencialidade de desenvolvimento da sexualidade adulta e deve colocá-la no contexto das demais práticas educacionais utilizadas em determinado tipo de estrutura familiar, situada em uma dada estrutura social.

SUMMARY

This paper analyses social conventions and ideas regarding children's sexuality and their changes in different periods and various societies. It is argued that Freud, in spite of being a radical innovator, was not able to escape the influence of the repressive culture to which he belonged. Data recently collected in the city of São Paulo concerning repressive practices in low income families are presented. It is suggested that explanations of repression of children's sexuality should (a) take into account its potential of development of adult sexuality and (b) place it in the context of educational practices used in a given type of family structure, in a certain social structure.

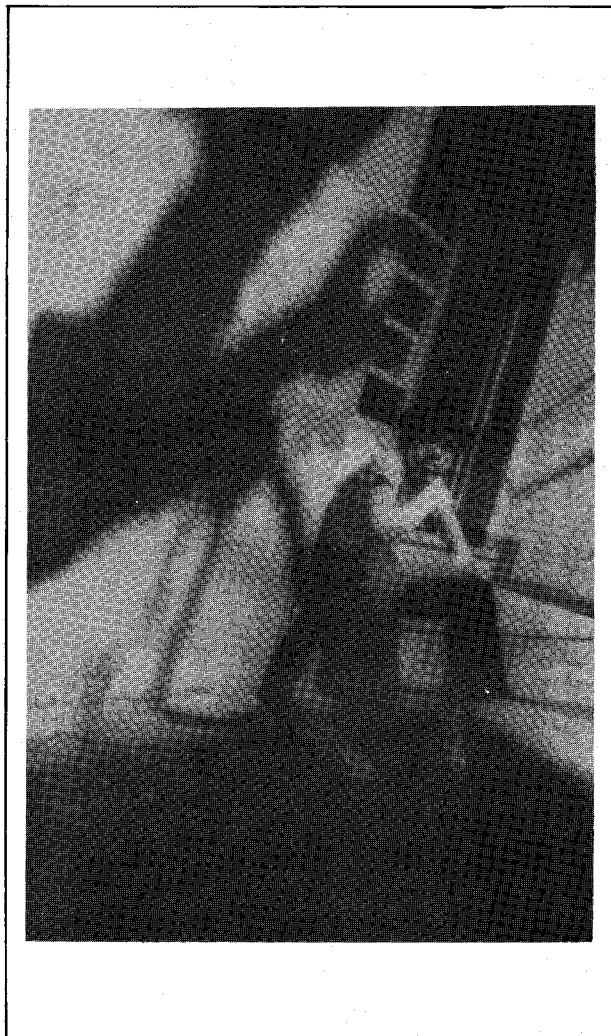


FOTO: DERLI BARROSO

Criança tem ou não tem sexo? De onde surgiu a idéia de comparar esses seres indefesos com criaturas angelicais desprovidas de qualquer desejo ou sentimento carnal? E Freud, conseguiu resgatá-las do jugo da inocência? É verdade que cada sociedade e cada classe tem o Édipo que merece? Inclusive na terra de Macunaíma? Por que atividades aparentemente tão inócuas são objeto de sistemática e feroz repressão através de agentes normalmente tão carinhosos? Essas e muitas outras dúvidas estão na origem deste artigo que alinhava despretensiosamente algumas idéias a respeito.

A IDADE DA INOCÊNCIA?

Os costumes e as idéias a respeito da sexualidade infantil variaram muito ao longo do tempo e nas diferentes sociedades. Ariès (1978), em sua história social da criança, analisa rica documentação da variação ocorrida nos últimos séculos na França e na Inglaterra. Com dados de diversas fontes, inclusive obras de arte que adornavam igrejas e abundantes citações do diário da infância de Luís XIII, escrito pelo médico da corte em linguagem bastante crua, Ariès mostra as práticas que predominavam nos fins do século XVI, não só na corte mas também entre famílias que não faziam parte da nobreza¹. Nos primeiros anos de vida, brincadeiras com os genitais, feitas pela própria criança ou pelos adultos que a cercam, são descritas com a maior naturalidade. Também não se via mal algum em que a criança estivesse presente por ocasião de brincadeiras sexuais entre adultos: tudo era permitido na sua presença. Em 1608, porém, Luís XIII faz 7 anos, e passa a ter de aprender a discrição na linguagem e no comportamento, inclusive simulando ignorância a respeito dos "fatos básicos da vida". Segundo Ariès, essa mudança de atitude acompanha uma restauração moral e religiosa que caracteriza o século XVII, mas é também o reflexo da prática comum no século XVI, de só iniciar a educação quando o menino se tornasse um "homenzinho", como se fosse inútil qualquer tentativa em idade mais tenra. Ao mesmo tempo, acreditava-se que a criança fosse alheia e indiferente ao sexo e que gestos e alusões sexuais não tinham qualquer significado para ela.

¹ A crueza da linguagem é sonogada ao leitor da edição brasileira, que pudicamente traduz "guillery" por pênis.

Enquanto predominavam essas idéias e práticas, desde o século XV pedagogos e moralistas apresentavam opiniões bastante diferentes, que viriam a ser amplamente aceitas depois do século XVII, inclusive pelos jesuítas — de grande influência na educação colonial brasileira. No século XV, Gerson deu tanta importância ao comportamento sexual das crianças, que elaborou um tratado sobre o assunto, para uso dos confessores, a fim de que pudessem induzir sentimentos de culpa nos penitentes de 10 a 12 anos. Esse sentimento era, segundo Gerson, inexistente nas crianças devido a sua corrupção original. Notável para a época é a precisão de suas observações sobre o comportamento infantil quando afirma, por exemplo, que mente quem afirma jamais ter se masturbado. Suas recomendações vão contra as práticas correntes em seu tempo: só se deve falar às crianças com expressões castas, deve-se evitar que as crianças se beijem, se toquem ou mesmo se olhem. Deve-se evitar também qualquer promiscuidade entre crianças e adultos, as crianças não devem dormir na mesma cama que as pessoas mais velhas, o que na época era comum em todas as classes sociais. Contraste-se o rigor dessas recomendações com as práticas educacionais da época, notavelmente exemplificadas nos diálogos de Vives, usados para aprendizagem de leitura, e que incluíam passagens como a seguinte: "Qual a parte mais vergonhosa, a da frente ou o buraco do cu? — Ambas".

No fim do século XVI, porém, alguns pedagogos importantes, católicos e protestantes, começaram a impedir que as crianças recebessem livros com piadas grosseiras, o que marca o início do respeito pela infância, segundo Ariès. Mas a grande mudança nos costumes ocorreu no século XVII, quando as idéias de moralistas isolados como Gerson passaram a ter ampla aceitação, generalizando-se um movimento que produziu rica literatura pedagógica (livros de etiqueta dirigidos em tom sentimental às crianças e manuais para pais e educadores) ao lado de também de práticas devocionais e também de uma nova iconografia religiosa, onde a criança iria ocupar um lugar quase central.

O conceito da inocência das crianças ganhou aceitação. A comparação das crianças com os anjos tornou-se um tema comum de edificação. Estabeleceu-se uma religião para crianças e uma nova devoção lhes foi praticamente reservada — a devoção do anjo da guarda. A primeira comunhão passou a ser a grande festa religiosa infantil e, segundo Ariès, tornou-se a manifestação mais visível da idéia de infância que prevaleceu entre o século XVII e o fim do século XIX e que celebrava, ao mesmo tempo, seus dois aspectos contraditórios: a inocência e a apreciação racional dos mistérios sagrados. De fato, a literatura pedagógica desta época enfatiza tanto o ideal de caráter, seriedade, razão e dignidade que se deseja despertar na criança, quanto a inocência que é preciso conservar, preservando-a da sexualidade reservada aos adultos. Aos olhos do século XX isto pode parecer uma contradição, pois de um lado a infância é conservada e de outro é tornada mais velha do que realmente é. Ariès assinala que essa contradição só existe sob a ótica da

associação da infância ao primitivismo e ao irracionalismo ou pré-logismo, que surgiu com Rousseau mas só se estabeleceu como senso comum no século XX.

FREUD ENTRA EM CENA

Neste século, as idéias a respeito da sexualidade infantil são profundamente modificadas por Freud que, tendo-lhe concedido um lugar central em sua teoria, delas se ocupa direta ou indiretamente ao longo de toda sua carreira. Sua influência não se reduz aos meios acadêmicos, pois muitas de suas proposições estão praticamente incorporadas ao senso comum de grande parcela da população ainda que, muitas vezes, de forma indevidamente simplificada. Não pretendemos, portanto, repetir aqui uma síntese de sua teoria, nem da infundável controvérsia levantada pelas inúmeras críticas e interpretações, possibilitadas tanto pela riqueza das observações quanto pela ambigüidade de linguagem do criador da psicanálise. Nosso objetivo é mostrar como Freud, ao mesmo tempo que foi um inovador radical, não conseguiu fugir à influência da cultura repressiva da qual fazia parte, implicitamente aceitando e até justificando muitas das práticas correntes na Viena do começo do século.

Entre as muitas inovações de Freud, do ponto de vista da sexualidade infantil, a que parece ter implicações mais profundas, é sua radical ampliação do próprio conceito de sexualidade. Identificando toda busca do prazer com a libido, e concebendo-a como energia vital básica que se manifesta desde o nascimento, Freud chocou os bem-pensantes do seu tempo quando disse, por exemplo: "vendo uma criança que saciou seu apetite e se retirou do peito da mãe com as faces avermelhadas e um sorriso bem-aventurado, para em seguida cair num sono profundo, temos de reconhecer neste quadro o modelo e a expressão da satisfação sexual que o sujeito conhecerá mais tarde" (Freud, 1973, p. 1200). Como se não bastasse, logo adiante faz ligações do sexo com funções ainda menos nobres: "o conteúdo intestinal se conduz, ao desempenhar a função de corpo excitante de uma mucosa sexualmente sensível, como precursor de outro órgão que só entrará em ação depois da infância" (p.1203).

Freud também ampliou o conceito de sexualidade ao reconhecer a independência do erotismo de seu objeto, e ao considerar as múltiplas fontes da sexualidade infantil. Sobre as zonas erógenas, afirma que "estas partes da epiderme não mostram mais que uma especial elevação de um gênero de excitabilidade que, de certo modo, é possuído por toda a superfície do corpo" (p. 1211). E após examinar o efeito de excitações mecâni-

cas — como, por exemplo, a produzida pelo embalo — de atividades musculares, de processos afetivos e de trabalhos intelectuais, conclui que "é possível que nada importante suceda no organismo que não contribua com seus componentes para a excitação do instinto sexual" (p. 1214).

Outra de suas inovações importantes foi reconhecer em todos os seres humanos uma "disposição polimorfa perversa" originária, ou seja, uma disposição para toda classe de prática sexual. Nesta área, o discurso freudiano é particularmente ambíguo pois, apesar de sua advertência sobre a generalidade do fenômeno e, portanto, para a impropriedade de empregar o termo "perversão" em um sentido pejorativo, ele próprio parece haver se enredado na obsessão dos parâmetros de normalidade. Veja-se, por exemplo, a comparação que se segue: "A criança se conduz neste caso (de influência da sedução para aquisição de perversões) como o tipo comum de mulher pouco educada, na qual perdura através de toda a vida, tal disposição polimorfa perversa, . . . podendo conservar-se normalmente sexual, mas também aceitar a direção de um hábil sedutor e gostar de todo tipo de perversão, adotando-as em suas atividades sexuais. Esta disposição polimorfa e, portanto, infantil, é utilizada pela prostituta para suas atividades profissionais e, dado o imenso número de mulheres prostituídas e de mulheres nas quais deve-se reconhecer capacidade para a prostituição, ainda que tenham escapado a esse exercício profissional, é impossível não ver nesta disposição a todas as perversões alguma coisa geralmente humana e original" (p. 1205).

Como Freud não observou diretamente manifestações sexuais em crianças, sua rica teoria é apoiada apenas nas lembranças de seus pacientes. Em sua vasta obra encontramos o relato de somente uma análise infantil, assim mesmo realizada pelo pai da criança, que enviou anotações detalhadas a Freud, que as publicou juntamente com seus comentários². Freud nos conta que os pais do pequeno Hans (que, na tradução espanhola, chamou-se Juanito) tendo se identificado com suas teorias, resolveram educar seu filho "com o mínimo de coerção estritamente necessário para manter os bons costumes" (p. 1366). Em seguida, ficamos sabendo que essa coerção que eles consideravam mínima incluía práticas um tanto repressivas. Por exemplo: quando a mãe o surpreendeu com a mão no pênis, aos 3 anos e meio, ameaçou: "se você fizer isto, chamarei o médico para que lhe corte a coisinha de fazer pipi" (p. 1366). A repressão ocorre também na sonegação de informações: nesta época, o pobre Juanito é informado pelos pais que "a cegonha" lhe trará um irmãozinho. Com 4 anos e 3 meses, registra-se o seguinte diálogo entre ele e sua mãe, que lhe está pondo talco na região genital, com grande cuidado para nem sequer roçar-lhe o pênis com a mão:

² A análise da fobia de um menino de 5 anos.

“Juanito: Por que você não pega minha coisinha?
A mãe: Por que seria uma porcaria!
Juanito: Que é isto? Uma porcaria? Por que?

A mãe: Porque não se deve fazer.

Juanito: Mas é muito divertido” (p. 1372).

O pai, acreditando, contrariamente à opinião de Freud, que a fobia do menino estava ligada à masturbação, o veste com uma camisola fechada como um saco para facilitar-lhe sua luta contra o hábito. Ao saber que o menino gostava de acompanhar as filhas do caseiro (de 5 e 7 anos) ao banheiro para vê-las urinar, os pais o proibem de fazê-lo. O menino já tem 5 anos quando os pais resolvem contar-lhe que as galinhas nascem de ovos e que as crianças saem da barriga da mãe, “como se fosse um cocô”, e com grandes dores. O problema da concepção permanece um mistério, apesar da perplexidade do menino diante do fato de ele ser filho tanto do pai quanto da mãe.

É necessário assinalar que, paralelamente a todas essas atitudes altamente repressivas, o pai de Juanito desenvolve uma análise em que demonstra grande abertura quanto à verbalização de aspectos centrais na teoria freudiana, como por exemplo, o amor do menino pela mãe e o seu ódio/amor ao pai. Nossa seleção visou apenas aquilo que nos pareceu contradizer o que Freud considerou uma educação “sem intimidação, com a maior liberdade e a menor coerção possível” (p. 1438) e “consistente essencialmente na omissão de todos os nossos habituais pecados pedagógicos” (p. 1419).

É bem verdade, no entanto, que Freud faz algumas restrições — ainda que tímidas — a certos aspectos desse processo. Por exemplo, ele comenta que os pais deveriam ter dado explicações sobre o nascimento bem antes dos 5 anos. No entanto, foi somente aos 4 anos e 9 meses que ele propôs ao pai que começasse o esclarecimento sexual, argumentando — note-se bem — que a comunicação de que a mãe e todas as criaturas femininas não possuíam uma coisinha igual à dele poderia despojar sua libido do desejo de ver a coisinha da mãe. É curioso como tanto Juanito, como seu pai e o próprio Freud em seus comentários teóricos só usam, e repetidamente, o termo “coisinha”. Tendo-se em vista que, ao se referir à sexualidade adulta, Freud chocou a sociedade do seu tempo pelo uso de uma linguagem sem eufemismos, seu apego ao termo, no caso, é mais uma indicação do grau da repressão que cerca a sexualidade infantil.

Mais de uma vez o autor se manifesta a favor de esclarecimentos verbais: “Se dependesse totalmente de mim, teria me arriscado a dar a Juanito mais outra explicação, que seus pais não lhe deram . . . revelaria a existência da vagina e do coito” (p. 1439). Neste caso, também, o argumento utilizado é que isto “poria fim a seu impulso interrogador . . . e o convenceria a deixar de ocupar-se dessas coisas . . . até que se cumprisse seu desejo de ser maior”. E, neste ponto, não se pode acusar Freud de incoerente pois, no parágrafo anterior, afirma textualmente: “A análise não destrói o resultado da repressão . . . substitui a repressão por um juízo condenatório”. E isto faz muito sentido dentro de sua filosofia

que afirma basearem-se a civilização e a cultura no desvio das forças instintivas sexuais para fins não sexuais, e formarem-se os poderes morais à custa da sexualidade.

Freud criticou a educação do seu tempo que “jugulava os instintos” mas admitiu a necessidade de “tornar o indivíduo capaz de cultura e socialmente utilizável”. Reconhecendo as dificuldades de conciliar essas propostas, recusou-se a tirar conclusões práticas para a educação. No entanto, em seus comentários transparece uma aprovação à conduta dos pais de Juanito, havendo mesmo o momento em que sai explicitamente em defesa da mãe: “poderíamos reprovar-lhe ter apressado a repressão com sua enérgica repulsa das proposições de seu filho (“Isto é uma porcaria”!). Mas devemos ter em conta que em tudo isto a mãe não faz senão desempenhar um papel marcado pelo destino e extremamente espinhoso e comprometido” (p. 1377).

Diversos autores têm assinalado que vários elementos da própria teoria freudiana estão imbuídos dos viéses ideológicos que predominavam na sociedade em que viveu. De particular importância para a sexualidade infantil é a contraposição que faz com a maturidade sexual, quando predominaria o genital e a consecução do prazer estaria a serviço da função reprodutora. Chega mesmo a enunciar a hipótese de que “os impulsos sexuais dos anos infantis são inaproveitáveis porque a função reprodutora ainda não apareceu” (p. 1198).

São também amplamente conhecidas as objeções que continuam a ser levantadas com relação às suas idéias relativas às fases do desenvolvimento psico-sexual, objeções que focalizam principalmente o fato de dar pouca atenção a fatores sociais e culturais, atribuindo universalidade aos fenômenos observados na burguesia vienense.

Embora a questão do desenvolvimento da identidade psico-sexual não seja o objeto de análise deste artigo, convém lembrar as críticas à psicanálise levantadas por Malinowski, já em 1927.

O ÉDIPO SELVAGEM

Segundo Malinowski, a doutrina psicanalítica é essencialmente uma teoria sobre a influência da família no espírito humano e tem uma natureza sociológica implícita, na medida em que descreve um drama que se passa num determinado tipo de família de um determinado grupo ou classe social. “O complexo exclusivamente conhecido pela escola freudiana e admitido por seus partidários como universal — refiro-me ao complexo de Édipo — corresponde essencialmente à nossa família patrilinear ariana, com a *patria potestas*

desenvolvida, apoiada no direito romano e na moral cristã e acentuada pelas condições econômicas modernas da burguesia abastada" (Malinowski, 1973, p. 20).

Malinowski analisa a existência do complexo de Édipo numa sociedade primitiva das ilhas Trobriand, na Nova Guiné, onde predominava uma ordem social matrilinear e uma grande liberdade sexual entre as crianças e os jovens. Mostra que a grande diferença entre os nativos da Nova Guiné e a sociedade européia daquela época encontrava-se na figura do pai. Na sociedade burguesa, esta era a encarnação da autoridade e do poder econômico da família enquanto, entre os trobriandeses, a paternidade física não era reconhecida e o pai, não sendo considerado parente da criança, não exercia nenhuma autoridade sobre ela, tornando-se seu amigo, companheiro e protetor. O irmão da mãe era a pessoa investida da autoridade sobre a criança mas só a exercia quando esta já estivesse próxima da puberdade e das iniciações ritualistas.

Além das diferenças na composição familiar, verificava-se entre os nativos das Trobriand a inexistência de repressão, censura ou reprovação moral da sexualidade infantil. Não existia o tabu do sexo, as crianças manifestavam livremente sua sexualidade, brincando e satisfazendo sua curiosidade e seu erotismo. Os pais e os outros adultos da ilha tinham uma atitude de grande respeito para com a criança, admitindo essas brincadeiras como absolutamente naturais.

Em relação à sexualidade infantil, o tabu do relacionamento entre o irmão e irmã era um dos aspectos mais marcantes entre os trobriandeses. Desde pequeno não era permitido ao menino fazer qualquer tipo de brincadeira de natureza sexual com sua irmã. Mais tarde, esse tabu se tornava muito mais forte e o jovem era proibido de ter relações sexuais com sua irmã ou com qualquer outra mulher do mesmo clã.

Para Malinowski, a aplicação da teoria freudiana à sociedade matrilinear das Trobriand revelaria que, nela, o complexo de Édipo consistiria no desejo de matar o tio materno, casando-se com a própria irmã, o que viria comprovar sua tese da necessidade de traçar a correlação entre as influências biológicas e as sociais, analisando cada família dentro do tipo particular de sociedade à qual pertence.

TAMBÉM NO BRASIL...

Sobre a sociedade brasileira, poucos exemplos são tão significativos quanto os extraídos da literatura de ficção, sobre a qual seria desejável que se fizesse um estudo mais abrangente, já que examinamos

somente duas obras representativas de suas respectivas épocas.

Em seu célebre romance *O Ateneu*, publicado em fins do século XIX, Raul Pompéia mostra como a ideologia da pedagogização da criança, que predominou na Europa daquele século, foi incorporada também pela sociedade brasileira. Na descrição das práticas educacionais e disciplinares do mais famoso internato da época, no Rio de Janeiro, encontram-se referências extremamente veladas ao despertar da sexualidade infantil. As passagens que descrevem os passeios de Sérgio e de seu amigo Egbert, por exemplo, fazem supor a existência de um relacionamento mais profundo entre os dois do que o simples companheirismo: "Entrávamos pelo gramal. Como ia longe o burburinho de alegria vulgar dos companheiros! Nós dois sós! Sentávamos-nos à relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele, ou ele aos meus. Calados, arrancávamos espiguihas à grama" (p. 112).

Outro exemplo extraído da literatura brasileira — *Menino do Engenho*, de José Lins do Rego — publicado já na terceira década do século XX, mostra que a iniciação sexual no campo, com os moleques e os animais, embora mais "natural" e espontânea do que na cidade, ainda assim era vista como um vício. "Sabia ruindades, puxara demais pelo meu sexo, era um menino prodígio da porcaria. E ali, sozinho, no quarto, os pensamentos maus me conduziam às gostosas masturbações" (p. 111). A prática livre do sexo, se não era diretamente reprimida pelos mais velhos, nem por isso deixava de receber o "merecido castigo". Tanto assim que, logo após sua primeira relação sexual, aos doze anos, começam a aparecer, no menino Carlinhos, os primeiros sintomas de doença venérea. "Mas eu tinha que pagar o meu tributo antecipado ao amor. Apanhei doença do mundo" (p. 115).

Nessa época também, já então em pleno século XX, as famílias mais abastadas recorriam aos colégios internos "como a uma casa de correção", esperando que lá seus filhos fossem devidamente educados. "Abandonavam-se em desleixos para com os filhos, pensando corrigí-los nos castigos dos internatos. E não se importavam com a infância, com os anos mais perigosos da vida. E junho estaria no meu sanatório. Ia entregar aos padres e aos mestres uma alma onde a luxúria cavara galerias perigosas. Perdera a inocência, perdera a grande felicidade de olhar o mundo como um brinquedo maior que os outros. Olhava o mundo através dos meus desejos e da minha carne" (p. 118).

ANJOS OU POLIMORFOS PERVERSOS?

Uma coisa não resta dúvida: depois de Freud, não é mais possível ignorar que a criança é um ser sexuado. Os próprios órgãos sexuais são ativos desde o nascimento. Como assinalam Money e Tucker (1975), algumas meninas têm sangue menstrual por 1 ou 2 dias após o nascimento e meninos tem ereções às vezes no dia do nascimento. Também já se observaram bebês de ambos os sexos movimentando ritmicamente seus genitais para atingir reações musculares espasmódicas semelhantes ao orgasmo.

Quando os adultos de uma sociedade permitem, meninos e meninas, de um modo geral, exibem em público todo tipo de comportamento sexual, inclusive simulação do coito. Foi o que constataram Ford e Beach (1951) que, ao examinar os dados de sociedade estudadas por antropólogos, encontraram 32 sociedades permissivas em relação à expressão sexual na infância. Observaram, também, que pelo menos algumas crianças fazem brincadeiras eróticas, nas 47 sociedades que os autores classificaram de semi-restritivas e até mesmo correndo o risco de severas punições, nas 14 sociedades consideradas restritivas.

As pesquisas de Kinsey (1948, 1953) também confirmam que as crianças são capazes de exibir comportamento sexual muito antes da puberdade. Seus dados provavelmente subestimam a freqüência dos comportamentos, pois baseiam-se principalmente em recordações de adultos, mas indicam que pelo menos 30% das mulheres e 40% dos homens norte-americanos tiveram alguma experiência de masturbação ou de brincadeira homo ou heterossexual na infância. É interessante observar que entre os homens que depois vieram a cursar universidade e entre as mulheres, a freqüência de brincadeiras heterossexuais (exibição dos genitais, simulação do coito etc.) vai gradativamente diminuindo à medida em que a criança se aproxima da puberdade, talvez devido a uma redefinição — ou a uma percepção mais clara — do significado social deste tipo de comportamento.

Em vista de todas essas evidências não podemos senão concordar com Money e Tucker quando afirmam que "proibir a brincadeira sexual não a elimina, somente a torna clandestina, deixando as crianças, cheias de culpa a tatear entre si no escuro. Proibir a brincadeira sexual também deixa os pais no escuro a respeito do desenvolvimento sexual dos seus filhos. Como os erros cometidos não aparecem claramente senão na puberdade e dado que nesta época é difícil encontrar a sua fonte na infância, pouco se sabe sobre como diagnosticar esses problemas enquanto ainda há tempo de corrigi-los. Para perpetuar essa situação perigosa, a pesquisa científica tam-

bém é proibida, com a justificativa de que estudar a sexualidade infantil violentaria a idade da inocência e também, paradoxalmente, despertaria na criança o demônio oculto do pecado original" (p. 139).

PRÁTICAS CORRENTES EM FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Em 1978, Kubota e Lessa realizaram uma pesquisa com o objetivo de identificar o conceito de educação sexual de mães de pré-escolares, visando fornecer subsídios a programas de orientação sexual na área materno-infantil de serviços de saúde³. Entre os aspectos abordados nessa pesquisa, selecionamos os dados sobre respostas das mães a seus filhos quando solicitavam informações sobre fecundação e parto, e sobre práticas adotadas quando seus filhos manipulavam os genitais, um dos indicadores mais evidentes da sexualidade infantil.

A amostra utilizada consistiu de 66 mães selecionadas aleatoriamente entre as 662 inscritas no programa da Casa Transitória para recebimento de complementação alimentar fornecida pelo INAN (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição), que distribui essa complementação através de postos de saúde municipais e entidades assistenciais⁴.

As mães responderam às perguntas de um formulário, propostas pelas pesquisadoras logo após terem recebido sua quota de leite.

Os dados obtidos confirmam que praticamente todas pertencem a famílias desprivilegiadas, cuja renda per capita era de cerca de Cr\$ 629,00, numa época em que o salário mínimo em vigor era de Cr\$ 1.571,00.

A maioria das famílias reside na zona leste de São Paulo, sobretudo em São Miguel Paulista. Quase sempre são famílias grandes e constituídas por pessoas jovens. Todas possuem filhos pequenos, em idade pré-escolar (até 6 anos), já que essa é uma condição para fazer jus ao leite distribuído, porém 56% das famílias têm tam-

³ Essa pesquisa foi realizada como requisito para a conclusão do curso Introdução à Metodologia da Pesquisa, patrocinado pela Fundação Carlos Chagas, em 1978.

⁴ A Casa Transitória é uma entidade da Federação Espírita do Estado de São Paulo, fundada em 1960. Seu objetivo é "amparar a criança, reajustando-lhe a família", atuando nos setores de saúde, educação, trabalho, vestuário, alimentação e lazer. Situa-se na zona leste da cidade, mas não há restrição de área geográfica nem de religião para o atendimento. Este porém, limita-se principalmente a famílias com renda mensal inferior ao salário mínimo.

bém filhos em idade escolar (7 a 12 anos), enquanto 32% têm inclusive filhos púberes ou adolescentes (12 a 19 anos).

É igualmente baixo o nível de escolaridade dos pais e das mães: cerca de 20% são analfabetos, a maioria (43% dos pais e 39% das mães) cursou mas não completou o curso primário e apenas 25% dos pais e das mães concluíram essa etapa básica da escolarização.

Dados sobre ocupação foram usados para classificar o nível sócio-econômico da família do pré-escolar, verificando-se que 61% dos pais trabalham em ocupações manuais de rotina (como servente de pedreiro, auxiliar de serviços gerais etc. ...), enquanto apenas 28% deles ocupam postos mais especializados (motorista, mecânico etc. ...). A grande maioria (80%) das mães não trabalha e as que o fazem desempenham ocupações manuais de rotina, como lavadeira, cozinheira ou faxineira, ou exercem outros serviços domésticos remunerados.

A maior parte das mães procede de zona rural e vive na capital há mais de 10 anos. A grande maioria (cerca de 80%) é jovem, concentrando-se na faixa dos 20 aos 35 anos.

CONHECIMENTO SOBRE FECUNDAÇÃO E NASCIMENTO

As respostas às perguntas sobre fecundação e nascimento revelam que as mães — seja porque não sabem, seja porque têm vergonha ou ainda porque acham que as crianças não devem saber “essas coisas” — transmitem poucas informações sobre os mecanismos fisiológicos da reprodução, encarregando-se quase sempre de passar para os filhos noções fantasiosas e irreais relacionadas à formação e ao nascimento de um novo ser⁵.

É comum responderem a seus filhos que os bebês são trazidos por Jesus, pela cegonha, por Papai Noel ou por algum “misterioso” avião. Também é freqüente dizerem que ganharam ou que compraram o nenê (“comprei no hospital e o motorista da ambulância é quem vendeu”).

Às vezes, porém, as respostas dadas são relativamente corretas pois, embora não se refiram especificamente ao processo de fecundação, alegam que os filhos “vêm da barriga ou do ventre da mãe”. Muitas vezes misturam fantasia e realidade. A resposta “às vezes explica que a criança fica em um saquinho de água e depois é cortado” faz referência ao líquido amniótico, enquanto a resposta “vem da barriga, papai do céu mandou uma sementinha para a barriga e ele nasceu” indica a força da repressão que existe em torno do ato sexual, uma vez que atribui a fecundação a uma entidade divina.

Embora muitas mães tenham filhos maiores, alguns deles púberes ou adolescentes, 65% das mães alegam

que seus filhos nunca perguntaram de onde vêm os bebês. Talvez alguns deles tenham sentido vontade de fazê-lo mas, por inibição ou medo, reprimiram sua curiosidade, indo satisfazê-la provavelmente na rua, com os amigos mais velhos e mais “sabidos”. Apenas algumas dessas mães pretendem contar a verdade se os filhos pequenos perguntarem a origem dos bebês, entendendo por isso, na maior parte dos casos, dizer que “o nenê vem da barriga”.

Somente uma das respostas se aproximou de um conhecimento científico mais completo, ao dizer que explicará ao filho que “é o espermatozóide do pai que entra na mamãe, não é a cegonha que traz”. No entanto, persiste ainda a intenção de transmitir idéias fantasiosas sobre a fecundação, como a daquelas mães que atribuem a Deus, à cegonha ou a um avião a autoria desse feito ou as que pretendem se esquivar de uma explicação que lhes é difícil dar, transformando a fecundação num ato de compra: “Vou comprar um bebê. Não vou explicar muito para não ficar muito sabido” ou “Arrumo uma desculpa, sei lá . . . A mãe vai no hospital e traz um nenê para vocês”.

Muitas mães não sabem que resposta vão dar quando seus filhos fizerem a pergunta tão temida. Vergonha, falta de coragem, falta de jeito, são sentimentos freqüentemente confessados, indicando o alto grau de inibição que lidar com assuntos de sexo provoca entre essas pessoas.

Também quando os filhos perguntam como nascem os bebês a atitude das mães é semelhante: ou dão o mesmo tipo de resposta (compra no hospital, o avião traz, a cegonha entrega etc. . .) ou sentem vergonha e preferem adiar a resposta, alegando que o filho “é pequeno e não dá para explicar” ou que “com o tempo ele aprende”.

Nascimentos traumáticos e revestidos de fantasia são, às vezes, as respostas dadas às crianças: “Uma das meninas perguntou se saia pela boca, disse que sim”, “Na hora a mãe vomita e a cegonha põe na casa”.

Mesmo entre as respostas corretas, é mais comum o relato do nascimento como uma operação, na qual “a barriga é cortada” ou “o médico abre a barriga”, do que como um ato fisiológico normal.

Curiosamente, no único caso em que a mãe contou a verdade, “Nasce pela vagina, quando normal, quando não é normal, opera” seu marido achou que ela estava explicando imoralidade aos filhos.

Mais da metade das mães não sabe ainda o que vai dizer quando seus filhos perguntarem como nascem os bebês. Uma solução para um problema tão difícil, segundo uma delas, será responder que eles nascem “pequenos, engraçadinhos, só isso”.

⁵ Devido, provavelmente, à formulação imprecisa das questões relativas à fecundação (“de onde vêm os bebês?”) e ao nascimento (“como nascem os bebês?”), as respostas quase sempre confundem os dois processos, sendo muito freqüente a referência a um acontecimento global e abstrato como, por exemplo, “vêm da barriga”, que explicaria os dois momentos da reprodução.

MANIPULAÇÃO DOS GENITAIS ⁶

Em relação à manipulação dos genitais, a atitude das mães entrevistadas variou desde uma ação punitiva verbal, quando "ralha", "dá bronca", "briga" ou "diz que é feio", até uma repreensão mais violenta, batendo na mão ou na própria criança.

Nenhuma mãe manifestou aprovação à manipulação do pênis. Poucas também são aquelas que não ligam e não fazem nada quando vêem seus filhos brincando com os órgãos genitais, por considerarem essa uma atitude natural, que faz parte do desenvolvimento da criança. Cerca de 15% delas têm essa atitude natural com relação à manipulação do pênis, mas apenas 6% agem dessa forma no caso da menina, que parece ser ainda mais reprimida. Basta dizer que quase 46% das mães disseram nunca ter visto suas filhas se masturbarem, enquanto essa mesma atitude ocorreu apenas com 23% das mães quando se referiam aos meninos.

Uma explicação bastante freqüente é a de que a manipulação do pênis é mais evidente, por ser esse um órgão externo. É mais provável, porém que a mãe, tendo em vista a repressão da qual sempre foi vítima, por ser mulher, considere impossível que sua filha brinque com partes do corpo que sempre foram vedadas ao sexo feminino. Essa hipótese parece plausível se se atentar para o fato de que várias mães, ao ver que suas filhas mexem nos órgãos genitais, olham para ver se há "coceiras", "assaduras", "algum machucado" ou "algum bichinho mordendo", como se, de fato, não acreditasse que aquele gesto signifique apenas um jogo sexual. Por outro lado, pode ser que as mães entrevistadas, ao contrário do que responderam, já tenham, alguma vez, visto suas filhas se masturbando sem dar maior importância a esse fato, omitindo-o apenas por perceber ser ele um ato considerado impróprio numa classe social mais elevada que a sua, à qual pertence a entrevistadora. É possível ainda que, de fato, elas nunca tenham observado suas filhas manipulando os genitais porque, devido a sua sobrecarga de trabalho, pouco tempo disponham para observar o comportamento de seus filhos.

⁶ A atitude das mães foi examinada através das questões:
— Quando o menino mexe (ou brinca) nos genitais (pipi) o que a senhora faz?

— E quando é a menina?

⁷ Questões:

— A senhora acha que essas coisas "sobre nascimento, de onde vem os bebês etc..." devem ser explicadas para as crianças?

— Não: porque?

— Sim: quem? quando? o que?

Atitudes de orientação ou de prevenção como "por a calcinha" ou "colocar a roupa" também são mais freqüentes no caso da criança do sexo feminino, enquanto a punição verbal é muito mais violenta quando é o menino que mexe no pipi.

O vigor da repressão que recai sobre a masturbação infantil masculina pode ser percebida pelas respostas de algumas mães: "não pode mexer porque pode pegar doença e sujeira", "pode machucar e depois precisar tomar injeção", "pega mau costume", "o pipi cai", "prejudica", "o bicho come e a mão cai", "pode vir doença e precisa operar", "não mexe, que depois dói".

ORIENTAÇÃO SEXUAL ⁷

Apenas 18% das mães acham que não deve ser dada nenhuma orientação sexual às crianças, alegando motivos bastantes diversos como "ser feio ou vergonhoso", "a criança ainda não tem entendimento e pode espalhar para os coleguinhas da rua" e até mesmo "acho bonito esconder o mais possível enquanto é criança; acho bonito ser inocente".

Embora as outras mães acreditem ser necessário explicar "os fatos da vida" a seus filhos, a grande maioria acha que isso só deve ser feito quando a criança já estiver perto dos 10 anos, porque já estará mais madura e "começa a entender", ou depois dos 14 anos, em plena adolescência, aparentemente porque se torna, então, inevitável. Apenas duas mães acham que as explicações sobre sexo devem ser dadas para crianças dos 5 aos 7 anos, enquanto os filhos de somente sete das mães entrevistadas obterão respostas "quando perguntarem".

Segundo as mães, o que deve ser ensinado às crianças? Além de adiada o mais possível, de preferência até a adolescência, a orientação deverá ser sempre de caráter informativo, explicando aos filhos os aspectos essenciais do desenvolvimento biológico e da fisiologia da reprodução, que variam desde "diferenças entre meninos e meninas", menstruação e relação sexual, até o "comportamento que devem ter para ter filhos".

O caráter preventivo da orientação, quase sempre referindo-se à menina, aparece freqüentemente nas respostas dadas pelas mães a essa questão. Afirmações como "deve explicar o sistema de sexo, para não acontecer gravidez" ou "para as meninas, deve explicar a menstruação e o cuidado na rua com os homens, o mundo é perigoso" aparecem às vezes seguidas de explicações como "muitas moças erram porque a mãe não explicou nada" que seriam dispensáveis, por estarem implícitas em toda a atitude materna.

Nove entre as mães acham que, às crianças, deve ser respondido tudo o que for perguntado, mas somen-

te quatro delas esclarecem que a orientação deve ser a mesma tanto para meninos quanto para meninas. Muitas vezes as mães se sentem inibidas para conversar sobre fatos relativos a sexo com os filhos do sexo masculino, atribuindo ao pai essa tarefa, mas é comum, também, acreditarem ser desnecessário ensinar "essas coisas" aos meninos porque "menino é mais sabido, aprende na rua com a molecada, não precisa ensinar".

A GUIA DE CONCLUSÃO

A limitação dos dados de que dispomos não nos permite um projeto mais ambicioso que a simples descrição de algumas práticas correntes entre famílias de baixa renda na cidade de São Paulo. É bem verdade que a evidência da repressão de algo aparentemente tão inócuo como a sexualidade infantil constitui estímulo à elaboração de teorias grandiosas que tornem inteligível tal fenômeno. Resistimos heroicamente, porém, e apenas sugerimos dois pontos que nos parecem necessários a qualquer esforço teórico nesta direção.

Em primeiro lugar, é preciso considerar a sexualidade infantil não só em si mesma, mas também naquilo que ela representa de potencialidade de desenvolvimento da sexualidade adulta, pois as práticas repressivas são informadas pelas idéias a respeito da infância e da continuidade entre esta e a maturidade. Se é "de pequenino que se torce o pepino" é necessário compreender para que serve o pepino maduro torcido.

Neste sentido, é altamente sugestivo o estudo de Foucault, que coloca a pedagogização do sexo da criança paralelamente a outras grandes estratégias do dispositivo de saber e poder a respeito do sexo. O autor ressalta que foi primeiro na família burguesa que se realizou tanto a problematização da sexualidade das crianças, como o alerta para a existência de prazeres "perversos" e também a medicalização da sexualidade feminina, sugerindo que o dispositivo da sexualidade foi instaurado como auto-afirmação de uma classe, que elabora a especificidade do seu próprio corpo num organismo sã e numa sexualidade sadia, conversão do "sangue azul" dos nobres.

E isto nos remete ao segundo ponto que nos parece deva ser acentuado, que é o que se refere à necessidade de colocar a repressão da sexualidade infantil no contexto das demais práticas educacionais utilizadas em determinado tipo de estrutura familiar, situada em uma dada estrutura social.

Aqui também pode-se apontar um trabalho de grande valor heurístico, que é a teoria crítica da família, de Poster. Rejeitando a hipótese de um padrão patriarcal uniforme na história européia, o autor analisa os mode-

los de estrutura familiar da aristocracia e do campesinato dos séculos XVI e XVII, da classe trabalhadora do início da revolução industrial, e da burguesia de meados do século XIX. Partindo de premissas teóricas diferentes chega a conclusões semelhantes às de Foucault. "A burguesia definiu-se moralmente, em contraste com o proletário promíscuo e a nobreza sensual, como a classe dotada de virtuosa renúncia" (Poster, 1979, p. 187).

A criança burguesa experimentava uma configuração emocional em que tinha de renunciar ao prazer do corpo a favor da afeição dos pais. Houve uma desvairada política de repressão à masturbação que chegou até à utilização de cirurgias, tais como infibulações etc. A singularidade da estrutura emocional burguesa não é a repressão em si mas a absoluta ambivalência gerada pela privatização da família que restringe os modelos de identificação aos dois genitores e lhes atribui uma autoridade absoluta combinada com um amor igualmente absoluto. Freud analisa como a relação de autoridade-amor com os pais resulta na internalização profunda de um padrão de regras. A família gera assim "um cidadão moderno, que não necessita de sanções ou apoios externos, mas está automotivado para enfrentar um mundo competitivo e tomar decisões independentes".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. 1978. *História Social da Criança e da Família*. Zahar. Rio de Janeiro (tradução de "L'Enfant et la Vie Familiale sous L'Ancien Regime", 1960).
- FORD, Clellan S. e BEACH, Frank A. 1951. *Patterns of Sexual Behavior*. Harper & Brothers, New York.
- FOUCAULT, Michel. 1977. *História da Sexualidade I - A vontade de saber*. Graal. Rio de Janeiro.
- FREUD, Sigmund. 1973. *Obras Completas*. 3ª edição. Editorial Biblioteca Nueva, Madri (data da 1ª edição dos "Três Ensaios": 1905).
- KINSEY, A. C. et al. 1948. *Sexual Behavior in The Human Male*. Philadelphia, W. B. Saunders.
- . 1953. *Sexual Behavior in The Human Female*. Philadelphia W. B. Saunders.
- KUBOTA, Nair e LESSA, Zenaide L. Educação Sexual - conceitos e comportamentos de mães de pré-escolares. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1978. Mimeogr.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1973. *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*. Vozes. Petrópolis (data da 1ª edição em inglês: 1927).
- MONEY, John e TUCKER, Patrícia. 1975. *Sexual Signatures*. Little Brown. Boston.
- POMPÉIA, Raul. 1976. *O Ateneu*. Série Bom Livro. Editora Ática, 4ª edição, São Paulo.
- POSTER, Mark. 1979. *Teoria Crítica da Família*. Zahar. Rio de Janeiro.
- REGO, José Lins do. 1978. *Menino de Engenho*. Coleção Sagarana, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 25ª edição.